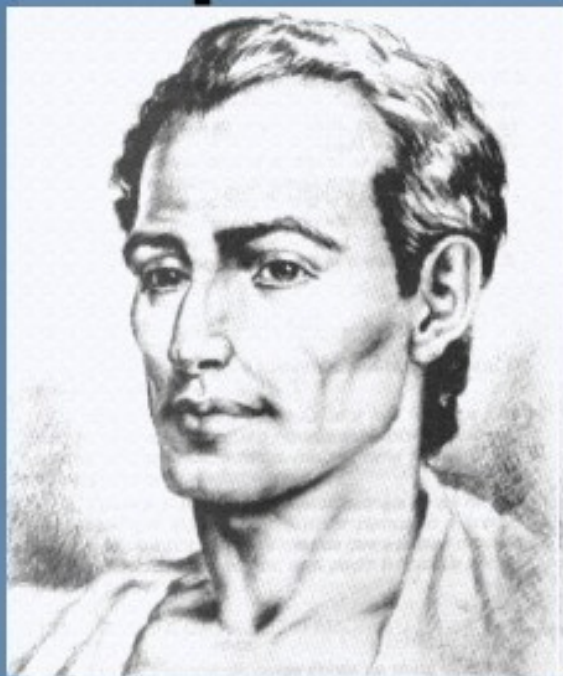


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO VIII – CADINHO

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo VIII – Cadinho	O Consolador	04
Complementos		
A família é mais que um cadinho depurador	O Consolador	05
Almas em resgate	O Consolador	07
Família: cadinho de amor	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Cadinho

Reunião pública 30/01/1959

Questão 260

Muitas vezes, na Terra, na posição de cultores da delinquência, conseguimos escapar das sentinelas da punição.

Faltas não previstas na legislação terrestre, como sejam certos atos de crueldade e muitos crimes da ingratidão, muros adentro de nossa vida particular, quase sempre acarretam a queda e a perturbação, a enfermidade e a morte de criaturas que a Divina Bondade nos põe no caminho.

De outra feita, quando positivamente enodados com o ferrete da culpa, conseguimos aligeirar nossas penas ou delas nos exonerar, subornando consciências dolosas, no recinto dos tribunais.

Todavia, a reta justiça nos espera, infalível, e além da morte, ainda mesmo quando tenhamos legado ao mundo, vastas parcelas de cultura e benemerência, eis que as marcas de ignomínia se nos destacam do ser, então expostas à Grande Luz.

Nessa crise Inesperada, imploramos nós mesmos, retorno e readmissão nos cursos de trabalho em que se nos desmandaram a deserção e a falência, a fim de ressarcirmos os débitos que os homens não conheceram, mas que vibram, obcecantes, no imo de nossas almas.

É assim que voltamos ao cadinho fervente da purgação, retomando nos fios da consanguinidade a presença daqueles que mais ferimos, para devolver-lhes em ternura e devotamento os patrimônios dilapidados, rearticulando os elos da harmonia que nos ligam a todos, na universalidade da vida, perante a Lei.

Reverenciemos, desse modo, no lar humano, não apenas o templo de carinho em que se nos reabastecem as forças, no exercício do bem eterno, mas igualmente a rude escola da regeneração, em que retomamos o convívio dos velhos adversários que nós mesmos criamos, a ressurgirem na forma de aversões instintivas e desafetos ocultos, que nos constroem cada hora à lição da renúncia e à mensagem do sacrifício.

E por mais inquietante se nos afigure a experiência no educandário doméstico, guardemos, dentro dele, extrema devoção ao dever, perdoando e ajudando, compreendendo e amparando sem descansar, pois somente aquele que se engrandeceu, entre as quatro paredes da própria casa, é que pode, em verdade, servir à obra de Deus no campo vasto do mundo.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

A família é mais que um cadinho depurador

A família é a instituição social mais importante para a realização do ser como indivíduo capaz de fazer novos relacionamentos. A importância dos pais na existência do filho, ao serem reconhecidos como o vínculo determinante de todo o desenvolvimento psíquico do ser, deve ser meditada por todos os participantes do núcleo familiar para orientar o conjunto na busca da sublimação.

Mas... como estamos distantes de aceitar tal projeto de elevação espiritual! Ou melhor, a grande maioria de nós aceitou tal projeto quando das escolhas que serviram de base para a programação reencarnatória. Contudo, uma vez na carne, o esquecimento do passado conjugado com a obliteração da intuição nos faz esquecer os compromissos assumidos, resvalando para a busca inconsciente da satisfação de desejos menos dignos.

O egoísmo é o elemento que trabalha contra qualquer tentativa de reunir os membros de uma mesma família. Uma reunião de forças para tornar mais fortes os laços da afetividade familiar é abalada por uma simples atitude egoísta de um de seus membros. E quando vem de um dos pais, o efeito é devastador. Porque o papel dos pais é educar pelo seu comportamento, entre outras atribuições, além do que, durante grande parte da vida infantil, são eles a referência primeira para a formação do caráter.

O egoísmo é um traço animal que é o resultado do culto da personalidade e da submissão do interesse alheio ao próprio interesse. Se o núcleo familiar tem que lidar com tão forte e imponente adversário, como resistir a isso?

Renúncia.

“Indispensável cultivar a renúncia aos pequenos desejos que nos são peculiares, a fim de conquistarmos a capacidade de sacrifício, que nos estruturará a sublimação em mais altos níveis.” (Emmanuel, *Fonte viva*, cap. 163.)

Renunciar ao pequeno desejo de ser respeitado, ao pequeno desejo de ser seguido, de ser benquisto, de ser influente, de ser acatado, de ser prestigiado, de ser condutor, de ser exemplo, de ser amado.

A renúncia é o escudo protetor contra as investidas do egoísmo. E esse exercício nos tornará capazes de sacrificar o egoísmo que se desenvolve em nós.

A renúncia é filha da humildade. E a humilhação é o mecanismo que nos torna mais humildes. Se entendermos o fim pedagógico da humilhação, veremos que passamos por uma prova depuradora e que, se nos submetermos sem queixas, sem orgulho ferido, teremos como “coroa de louros” a quitação de muitos débitos. Objetivamente, portanto, a humilhação é a prova que enobrece nosso caráter e nos torna apto a mais alta sublimação.

É preciso cultivar a harmonia entre pais e filhos. Se essa harmonia é quebrada, deve-se laborar para restabelecê-la.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Num ambiente de concórdia é possível aparar as arestas, tornando menos espinhoso o relacionamento. E é novamente a renúncia que cala mais fundo nos corações. Saber calar quando a discussão se estabelece saber ouvir com atenção e carinho, saber acalmar os ânimos exaltados, calando a si mesmo para que o outro se sinta acolhido.

Quantas lágrimas abafadas para não ferir aquele que se ama!

Quantas mágoas desbastadas!

A família é mais que um cadinho depurador, é um laboratório cujo mais nobre elemento é o amor.

Editorial, A família é mais que um cadinho depurador.

– O Consolador – Nº 503 – 12/02/1017

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Almas em resgate

“... Se soubéssemos quão terrível é o resultado de nosso desrespeito às leis divinas, jamais nos afastaríamos do caminho reto. “Perdoa, pois, a quem te fere e calunia”... Em verdade, quantos se rendem às sugestões perturbadoras do mal, não sabem o que fazem.” – Emmanuel, Fonte Viva.

Não há ninguém que não passe pelo cadinho de dores e sofrimentos na Terra. Em verdade, temos visto um avolumar de dores, e o conhecimento espírita dá a quem tem a fé racional, a compreensão para suportar ou a dor física, ou a dor moral, com dignidade, compreendendo que nenhuma experiência pela qual se passe ocorre sem uma razão. Há um motivo – crescimento, resgate de débitos anteriores, aprendizado, o que seja, mas aquele que suporta com resignação tem muito valor e, por certo, muito amparo do mundo espiritual.

Uma mãezinha desesperada, em lágrimas, veio nos procurar. Quando vemos uma mãe assim, sofrendo, o coração aperta, pois compreendemos quão grande é esse sofrimento. Lembramos-nos da dor de Maria e de sua presença na hora do martírio de seu filho amado. Uma espada lhe transpassava o peito, como havia sido predito a ela, ao apresentar o seu Jesus, ainda bebê, no templo de Jerusalém.

Essa mãe que citamos chorava pela sua filha, uma jovem de 17 anos. Relatou-nos que este ano ela foi operada, tendo sido retirado um tumor de cerca de quatro quilos de sua região abdominal. Não sabia, em sua simplicidade, fazer um relato mais preciso, mas disse que em virtude da medicação pesada, que teve que enfrentar, fez micro-úlceras no estômago, que precisaram ser corrigidas cirurgicamente.

Depois disso, ainda com sequelas, fez estenose no esôfago – o alimento não passava, e os médicos indicaram nova cirurgia, dessa vez de alto risco, podendo ocasionar-lhe a morte. Era um impasse: morrer sem a cirurgia ou poder morrer devido à cirurgia.

A mãe disse que a jovem entrou em desespero, dizendo-lhe que ela havia prometido que não permitiria que a “cortassem” mais. Na hora do sofrimento, a mãe, cedendo à filha, assinou um termo de responsabilidade, pedindo alta do hospital. Agora estavam em casa. A jovem, não conseguindo engolir o alimento, definhando e não querendo voltar para nova cirurgia, começou a falar em suicídio, dizia que ia suicidar. Ali estava a mãe, desesperada, com medo de a filha suicidar. O que a filha havia feito para passar uma dor assim, tão jovem? – perguntava ela.

Nessas horas, temos de esclarecer, sem delongas, porque a urgência pede. Mobilizamos os socorros necessários: psicólogos, Centro Espírita... Orientamos a mãe sobre a dor de hoje como consequência do ontem, dentro dos processos de reajuste, das leis de causa e efeito.

Pedimos que levasse sua filha para receber uma orientação urgente no Centro Espírita, pois a mãe disse que ela estava revoltada com Deus, não aceitava religiões, mas era preciso que ela entendesse o porquê de sua dor para tirar a ideia de suicídio de uma vez por todas de sua cabeça.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Pobre mãe! Como sofrem as mães deste mundo por seus filhos! Mas também, como são felizes as mães deste mundo devido aos seus filhos!

A jovem foi amparada e, até o momento, não cometeu outros desatinos.

Soubemos, em conversa com a psicóloga, que o caso era outro. Ela não queria nova cirurgia não porque não quisesse ser “cortada” de novo, mas porque não queria ficar com outra cicatriz no corpo! É o império do corpo que estamos vendo na Terra, mais ainda aqui no Brasil, a pátria do Evangelho.

Prefere a jovem morrer a ter uma nova cicatriz no corpo, não compreendendo que o corpo a está libertando das terríveis chagas que traz na alma, curando-lhe lesões no perispírito. Pobre jovem! Como ela, milhares por aí. Bendita Doutrina Espírita, esclarecedora, que mostra ao Espírito que passa pela dor que, se sereno, resignado, um dia será beleza, será luz, sem lesões no seu corpo espiritual.

“Vós sois a luz do mundo”, disse Jesus.

Somos luz em mescla com sombras, mas somos luz. Libertos das sombras, seremos luz completa.

Como dizia nosso querido Jerônimo Mendonça, o Gigante Deitado, campeão de resignação, hoje um farol de luz: “Que beleza!” Sim, que beleza, um dia seremos luz completa, quando libertos de toda ignorância, repletos de sabedoria, repletos de amor.

“Que beleza!”

Em vez de revolta, queridos leitores, se alguém passa por uma dor que acha que é gigante, que pense consigo: “Obrigado, meu Deus, por esse cadinho de purificação que me ajudará a subir os degraus de luz da evolução, rumo às estrelas!”.

Jane Martins Vilela, Almas em resgate – O Consolador – Nº 273 – 12/08/2012

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VIII)

Família: cadinho de amor

Filosoficamente define-se família como sendo “a célula mater da sociedade”. Ruy Barbosa, um dos maiores juristas brasileiros, chegou a afirmar que a sociedade é a família ampliada, e esta é aquela miniaturizada.

Perante os seres humanos, ela pode ser considerada uma reunião de pessoas ligadas por laços consanguíneos ou afinidade, elastecendo e mesclando o grau de parentesco.

Sob a égide da divindade, compara-se a um cadinho de amor, onde o Pai da vida reúne seus filhos, sob a orientação educacional dos pais, para que todos, educadores (pais) e educandos (filhos), ao voltarem para o mais além, ou seja, para a vida espiritual, cheguem lá melhores do que quando se aportaram no aquém, como Espíritos encarnados.

Na prática, para que esses amoráveis objetivos sejam alcançados, a primeira atitude paterno maternal é a educação aureolada sempre pela verdade, tendo em vista que ela ilumina a justiça que se traduz em dar a cada um aquilo que lhe pertencer e o que merecer, não é o que desejar.

Isso porque os seres humanos, com raríssimas e respeitáveis exceções, são por vezes inconformados com certos acontecimentos; insaciáveis com o que possuem; e invejosos por excelência.

Não é difícil comprovar essas afirmativas. Basta se perguntar:

“Será que eu estou e vivo satisfeito e feliz,

- com o corpo físico que tenho?
- com a esposa ou esposo de quem sou parceiro e cúmplice?
- com as atitudes demonstradas pelos meus filhos adolescentes?
- com as condições sociais, financeiras e salariais nas quais me encontro?
- com os políticos nos quais votei?
- etc.”

Por que esses inconformismos? Será que uma pessoa já nasce estigmatizada para viver assim, ou aprendeu em algum lugar com alguém?

Aqui entra a família com a educação e o poder público com a instrução.

Educar é ensinar hábitos salutarres, edificantes, glorificantes para convivência em fraternidade. Instruir é proporcionar conhecimentos para a vivência com cidadania.

Quem for educado e instruído tem mais possibilidade de viver e agir com a consciência reta, coração que ama e mãos que trabalham. Tudo isso se aprende na família quando ela é um cadinho de amor.

Pedro de Almeida Lobo, Família: cadinho de amor – O Consolador – Nº 254 – 01/04/2012